Av. MFA 80-2.º E


# SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

30 DE JUNHO DE 1977

N.º 383

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778


# OS OUTROS

Por JOEL RIBEIRO

Num bem concebido e conseguido filme da campanha de segurança rodoviária que a televisão nos mostrou com frequência vê-se um camionista a explicar o correcto procedimento em caso de ultrapassagem na estrada, procedimento que os homens nessas funções, no interesse geral, deviam de observar em relação aos outros utentes das vias de comunicação. O tal camionista termina a sua actuação com esta judiciosa sentença: «*quanto mais segurança dermos aos outros, maior é a nossa*».

Apetece-me dizer que esta exortação devia ser a legenda lapidar a inspirar-nos em todas as circunstâncias da vida, nas várias manifestações do convívio humano. Em seu próprio interesse, cada qual procuraria esforçar-se por elevar as condições de vida da sociedade em que está integrado, pois não é razoável supor-se que no indivíduo não acabem por se reflectir as contingências da colectividade onde vive Num mar de sofrimento, não é crível esperar que alguém se delicie numa ilha de felicidade. Pode-se até afirmar que cada vez somos mais permeáveis a influências exteriores. Não é impossível, pois as descobertas da ciência já isso permitem, que, em determinadas conjunturas, muito especiais, como é óbvio, o acto de um só homem possa ganhar profundas repercussões e abranger toda a Terra O mundo tornou-se de uma pequenez por vezes incomodativa. Não nos é possível, nem conveniente, alhearmo-nos por completo do que se passa nos antípodas. Somos solidários uns dos outros, precisamos uns dos outros, somos próximos uns dos outros, para usar, com toda a propriedade, a linguagem dos Evangelhos. Para a realização do próprio eu, carecemos cada vez mais do nosso semelhante. «*A dificuldade é que a ciência moderna* — diz Albert Szent-Györgyi, Prémio Nobel da Medicina — *aboliu o tempo e a distância como factores separadores das nações. No nosso encolhido mundo de hoje só há espaço para um grupo: a família do homem*».

Vejam-se os grandes perigos que, como a espada de Dâmocles, estão pendentes sobre toda a sociedade humana: a poluição, o superpovoamento, a fome, os quais, em vastas regiões do Globo, deixaram de constituir apenas um risco. São factores que, um ou outro, influem já decisivamente na qualidade de vida das populações Como poderemos livrar-nos dessas ameaças que, em conjunto com o perigo da guerra nuclear, são as angustiantes perspectivas e interrogações dos nossos dias? A solução, para ser alcançada, exige, decerto, o concurso de todos os homens, de nós e dos outros, sem o qual a crise não será debelada ou sequer atenuada

Eis-nos, portanto, colocados, de forma muito clara, perante deveres de natureza colectiva. Agora vemos finalmente que, para a realização de um projecto vital, necessitamos também do empenhamento não só do nosso vizi-

Continua na pág. 7

# Os Antigos Escoteiros

## promovem uma homenagem ao Chefe José Rodrigues

A Secção Cultural da Fraternal dos Antigos Escoteiros vai dar concretização a uma ideia dos antigos escoteiros do Grupo 7, que é a de prestar homenagem ao seu antigo e mais notável dirigente, o EC José Maria da Conceição Rodrigues.

Este dedicado escoteiro, há muitos anos retirado do movimento activo, vive presentemente em S. Salvador do Cercal, no concelho do Cadaval, com a bonita idade de 83 anos, mas ainda vigoroso como um roble, sempre entusiasta e guardando uma indefectível admiração pelo escotismo.

Pois a Fraternal decidiu prestar-lhe homenagem, uma merecídissima homenagem a quem tudo deu ao Escotismo e a quem tanto dignificou o movimento. Assim, no próximo dia 24 de Julho realiza-se uma excursão em autocarro, que, partindo da sede da Fraternal (Rua de S. Paulo, em Lisboa), pelas 8 horas da manhã, se dirige, pela auto-estrada do Norte, às Caldas da

Continua na pág. 7

# O Presidente Jimmy Carter

## fervoroso adepto do Escotismo

**A Boy Scouts of America deu conhecimento à Secretaria Mundial do Escotismo de que o Presidente Jimmy Carter foi um fervoroso adepto do Escotismo durante 25 anos.**

**Carter começou por ser membro de uma Comissão de Planeamento do 25.º Grupo da Geórgia, patrocinado pelo Lions Club. Mais tarde, tornou-se presidente do conselho do Grupo e conselheiro dos pioneiros. Em seguida, foi chefe daquele Grupo durante um ano. Depois, tornou-se chefe da 25.ª Alcateia de lobitos, ao mesmo tempo que Rosalynn Carter era a Aquelá.**

**Os três filhos de Carter foram lobitos e escoteiros.**

**O Vice-Presidente Mondale também foi escoteiro.**

**De igual modo, o ex-presidente Gerald Ford obteve a insígnia de Eagle Scout (correspondente ao nosso Escoteiro da Pátria).**

**John F. Kennedy foi o primeiro presidente dos EUA que foi escoteiro na juventude.**

# PARA A HISTÓRIA DO ESCOTISMO EM PORTUGAL

## QUANDO A MOCIDADE PORTUGUESA CHEGOU

No último número do nosso jornal tive o prazer de fazer a leitura de uma crítica de «O Rato Sábio» a um recente livro das edições «Terra Livre» sobre «Mocidade Portuguesa». A leitura desse trabalho fez-me recordar o momento em que a Mocidade Portuguesa foi institucionalizada em Portugal, em consequência doutro movimento político da juventude integralista, camisas verdes, que tinha aparecido em Portugal, a imitar os movimentos similares da Alemanha e da Itália, de natureza nacionalista e para-militar.

Ultrapassada essa iniciativa, que fez larga propaganda por meio de cartazes, surgiram na imprensa de então as inscrições para uma força que se intitulava Legião Portuguesa e, logo de seguida, para contemplar os mais novos, a Mocidade Portuguesa.

Foi o ministro Carneiro Pacheco quem batalhou por essa iniciativa e, logo de princípio, pretendeu arregimentar os Escoteiros para constituir a Organização.

Em 1936, os Escoteiros de Portugal promoveram uma participação do Movimento nas comemorações da Batalha de Aljubarrota, que se realizavam em 14 de Agosto, junto do Mosteiro da Batalha. Organizou-se uma deslocação dos grupos do Norte, do Algarve e de Lisboa, para o que se mobilizou a boa-vontade das administrações de diversas empresas, que estavam prontas a ceder carros de transporte de pessoal para conduzir os Escoteiros àquelas comemorações.

Foi este o momento escolhido pelo ministro Carneiro Pacheco para exercer pressão sobre os Escoteiros de Portugal. Para que pudessem ser usadas algumas dessas camionetas, seria necessária uma autorização oficial, já que tais carros, na sua maior parte, não podiam transportar passageiros.

O citado Ministro da Educação Nacional fazia deslocar frequentemente o seu carro oficial à sede da AEP, na Rua de São Paulo, a fim de conduzir àquele Ministério o elemento então mais em destaque na associação para tentar a adesão dos Escoteiros à recém-nascida Mocidade Portuguesa. Tratava-se de um funcionário público e, naturalmente, a sua posição era difícil e de inferioridade. O Ministro propunha que os Escoteiros fossem portadores de uma braçadeira da M. P. para poderem participar nas comemorações da Batalha.

O citado dirigente resistiu enquanto lhe foi possível às fortes pressões do Ministro, até que cedeu, após o que convocou uma reunião de dirigentes, aos quais propôs a adesão às propostas oficiais.

Os Escoteiros-Chefes de Lisboa foram corajosos e responderam com um rotundo «não», no qual se destacou, por exemplo, um dirigente já falecido, o E. C. António Ferreira da Silva.

Em consequência, não foi dada autorização para que os Escoteiros utilizassem todas as camionetas propostas. Os Escoteiros do Algarve não puderam dirigir-se à Batalha. Mas do Porto saíram umas centenas de Escoteiros em carros do pessoal da Companhia dos Telefones. De Lisboa partiram igualmente alguns carros do pessoal dos Telefones e das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, bem como uma forte representação se deslocou de comboio. Foi assim possível reunir no Parque de Alcobaça um interessante número de rapazes escoteiros, que levantaram o seu acampamento no recinto do campo de futebol.

No dia 14, utilizando os citados carros, os Escoteiros dirigiram-se a S. Jorge em turnos, mas só uma parte deles pôde participar no desfile que ali se realizou até à Batalha. O Governo assistia ao desfile de todas as organizações de juventude e forças militares e, à passagem dos Escoteiros, aceitou os cumprimentos da representação, levantando-se, mas o intolerante Ministro da Educação permaneceu sentado. Na Batalha, os rapazes do Norte suportaram os insultos das hostes da M. P. ainda sem fardamento e, por pouco, a vara escoteira não expressou uma das suas utilidades. Valeu na ocasião o bom senso e prestígio dos Dirigentes Escoteiros que mantiveram a rapaziada disciplinada, obedecendo às ordens e conselhos dos seus chefes.

A partir daí, estava lançada a antipatia entre os rapazes escoteiros e a Mocidade Portuguesa. No Porto, o chefe regional dos Escoteiros de Portugal parece que ainda teve de passar pelo cárcere, embora rapidamente.

Os Escoteiros foram extintos nas Colónias e parece que no Continente e Ilhas o decreto de extinção esteve redigido. Ainda hoje se ignora por que foi publicado o diploma para as Colónias e suspenso o da Metrópole. O CNE, em certa altura, atribuiu esse facto à interferência do Cardeal-Patriarca de Lisboa, enquanto noutros sectores se disse que teria sido o próprio Chefe do Governo, quem lhe recusou assinatura. No entanto, estão ainda connosco elementos que podem dar muitos esclarecimentos sobre esta tão interessante página do Escotismo Português. Assim o queiram ou tenham suficiente coragem para o fazer, porque seria muito importante este esclarecimento.

Conta-se o seguinte incidente passado com o ministro Carneiro Pacheco. O Dr. Weiss de Oliveira, médico e dirigente do CNE, pediu uma entrevista àquele governante para discutir a existência do Escotismo. É necessário dizer que, nessa época, o internacionalismo era pecado imperdoável a qualquer movimento e era essa uma das acusações graves feitas ao Escotismo. O Ministro acusou então os movimentos escoteiros de internacionalismo e de contribuírem com quotizações para o estrangeiro. O Dr. Weiss de Oliveira replicou que essas quotas eram insignificantes e representavam afinal o pagamento de serviços prestados pela Secretaria Internacional. O Ministro não aceitou a explicação, o que levou aquele dirigente escuta a replicar:

— Senhor Ministro, nós, católicos, não podemos fazer essa acusação ao Escotismo, porque pertencemos a uma organização religiosa que contribui com elevadas somas para uma entidade superior de além-fronteiras, a quem devemos, aliás, uma estreita obediência».

O Ministro ruboresceu, levantou-se e declarou:

— «Terminou a entrevista!».

O Dr. Weiss de Oliveira saiu imediatamente.

Entretanto, o Escotismo foi sobrevivendo a custo, mas sempre com a mais intolerante má-vontade do ministro.

A. L. P.

# Uma sugestão de um nosso companheiro

## Erguer um monumento ao nosso orientador

O nosso companheiro, João do Nascimento Almeida, antigo escoteiro do Grupo 9, vem dar-nos uma sugestão que, com o intuito de poder ser apreciada, vamos dá-la a conhecer aos nossos leitores. Diz aquele nosso amigo:

*Escrevo-lhes para lhes sugerir, e insistir, uma campanha, a título nacional, que deverá ser desencadeada imediatamente e à qual deverão dar a amplitude maior possível (mesmo para Inglaterra), pois com toda a nossa pobreza e humildade temos a obrigação de mostrar ao mundo o bom sentir, franqueza, lealdade e fraternidade dos portugueses.*

*Trata-se simplesmente de fazer uma estátua ou busto do cidadão do mundo, homem bom, de sentimentos ímpares, educador e amante da Liberdade. Como é óbvio, trata-se daquele que nos deu orientação!*

*Esta pequena homenagem deverá ser colocada no Parque de Eduardo VII, em lugar de evidência, em Lisboa.*

Eis a sugestão deste nosso companheiro. Difícil de realizar? É certo. Mas com as alterações que se tiver por bem fazer, talvez alguma coisa se consiga realizar.

Que dizem os nossos leitores?

# A Floresta e o Homem

*No dia 5 deste mês de Junho, foi comemorado o «Dia do Ambiente». Para assinalarmos o acontecimento, transcrevemos, com a devida vénia, do* Boletim da Comissão Nacional do Ambiente, *este valioso artigo da autoria do Dr. José de Almeida Fernandes, biologista e técnico principal da Comissão Nacional do Ambiente.*

*No próximo número, prosseguiremos com a publicação do estudo subordinado ao tema* A Água, Meio de Vida Essencial.

Desde o seu aparecimento, mais particularmente desde que descobriu a agricultura e domesticou os animais, o homem tem vindo progressivamente a interferir de modo muito grave no *equilíbrio ecológico*.

Que é o equilíbrio ecológico? É a resultante dinâmica do complexo recíproco de relações entre os organismos vivos e entre estes e o ambiente. Tal resultante está em contínua flutuação: a essa variação de um ou mais componentes correspondem reacções ou compensações de outros factores. Este facto permite que a oscilação do conjunto se mantenha dentro de certos limites, limites estes que caracterizam, na realidade, o *equilíbrio biológico*.

Todas as variações que ultrapassem aqueles limites, não sendo compensadas, provocam a ruptura do sistema existente e o novo equilíbrio que se obtém é normalmente uma forma degradada do primitivo, e geralmente com repercussões negativas para a variedade dos organismos vivos e, necessariamente, para o homem.

Uma das mais decisivas intervenções do homem em sistemas biológicos equilibrados tem sido a destruição das florestas. Esta destruição não é uma invenção dos tempos modernos, se bem que só entre 1882 e 1952 a superfície florestal mundial diminuiu de 52 para 33 milhões de km², o que equivale a 36 % do património inicial. Ela vem já dos tempos do início da história das grandes civilizações.

Na região mediterrânea, florestas imensas foram arrasadas para a construção de templos ou palácios, ou para a obtenção de terrenos de cultura, ou ainda para a construção de barcos de guerra, de comércio, etc. Só para aquecimento dos banhos dos palácios dos grandes senhores romanos, foram queimadas florestas inteiras.

O exemplo mais espectacular neste cortejo de destruição é o americano. Em 200 anos, as imensas florestas situadas entre as montanhas ocidentais e orientais do continente foram pilhadas sem escrúpulos, e a reserva de madeira, que parecia inesgotável ainda no século passado, é hoje uma saudade e os Estados Unidos são um dos maiores importadores mundiais de madeira.

O que significa para nós, hoje, a árvore?

Ela significa, sobretudo, matéria-prima: madeira, lenha, material de construção, celulose, papel, resina.

Vivemos num mundo que não dispensa o papel, um mundo envolvido em pasta de celulose! No entanto, quem pensa que um jornal de grande tiragem consome anualmente uma quantidade de madeira que se extrai de árvores que cobriram uma superfície de 400 hectares!

Matéria-prima — útil como fonte de lucro ou como material de produção. Toda a árvore que não seja isto é desprezível!

Todos temos demasiada tendência para esquecer que estes «pêlos verdes» que cobrem a superfície da Terra são os suportes vivos de todo um sistema vivo, complexo, dinâmico, *equilibrado*, um sistema que vai da rocha mãe, que suporta o solo, até ao seu mais alto fuste.

A árvore facilita a vida de outras plantas que se agregam sobre ou em torno dela. À sua sombra, se acolhe uma multidão de vegetais de menor porte e sobre ela trepam os que só assim podem sobreviver.

A árvore não é um ser isolado; ela é o centro de um verdadeiro *bouquet* de plantas (arbustos, ervas, fungos, líquenes), comunidade vegetal equilibrada, à qual está estreitamente ligada a vida animal.

A árvore serve de abrigo, da raiz ao fuste, a toda uma fauna. As raízes suportam as abóbadas de galerias complexas e de ninhos subterrâneos. Sobre o tronco, sob a casca, há outras populações. Na madeira doente de certos ramos, nas folhas, encontramos posturas, ninhos, esconderijos, abrigos provisórios ou permanentes.

Sem a árvore, não existe caça. Ela é o abrigo, particularmente dos maiores animais. Ela é também o pouso, a «pista de aterragem» de tudo o que voa ou que trepa — aves, insectos, morcegos, esquilos. Para as rapaces, ela é também a «torre de observação» indispensável.

Mas a árvore não trai somente esta multidão: ela é capaz de alimentá-la. Ao pé da árvore não falta a água. Os granívoros e os herbívoros, assim como os roedores, aí encontram folhas e frutos e ainda a própria casca. Todos os insectívoros, carnívoros e rapaces se alimentam da carne ou dos ovos dos anteriores, limitando assim o aumento exagerado do seu número.

A árvore controla o sistema hídrico do local onde se encontra, e a água, indispensável à vida, depende enormemente da existência da floresta. A regularização da escorrência, o próprio clima, a existência de nascentes e poços, dependem estreitamente da presença da floresta.

Esta, com o seu alto potencial fotossintético, fixador de energia, produziu e acumulou, em milhões de anos, e continua ainda a produzir, enormes massas de energia biótica que o homem moderno está disfrutando sem limites, com uma imprevidência e uma loucura que o levarão fatalmente ao esgotamento desta fonte energética.

E não só. 1000 km percorridos por um automóvel equivalem ao consumo de tanto oxigénio como o de um homem durante um ano. Mas este, como qualquer outro animal, liberta apenas dióxido de carbono, enquanto aquele expele numerosos gases tóxicos, tanto ou mais mortíferos que o próprio cianeto de potássio!

E sobre a árvore e a floresta, poderíamos continuar a escrever e a escrever. Escreveríamos sobre a árvore e as tempestades, a árvore e o vento, as culturas e a seca, a árvore e as dunas, a árvore e as nossas cidades e vilas, a árvore e o solo, as avalanchas, o equilíbrio geológico e a erosão.

Fazer desaparecer uma árvore é eliminar um mundo vivo, complexo, favorável ao homem, o qual necessitará muitos anos para se reconstituir. Uma só árvore velha corresponde a 2500 árvores novas da mesma espécie!

Derrubar uma árvore numa floresta natural é contribuir para o desequilíbrio biológico com todas as suas consequências, como, por exemplo, a multiplicação de algumas espécies animais que se poderão transformar em altamente prejudiciais às culturas, ou secar e transformar em nada um mundo vivo, rico e fremente.

Enquanto actuarmos como ignorantes ou loucos, enquanto desprezarmos a árvore e a floresta, estamos a dar razão a Chateaubriand: «*As florestas precedem os povos, os desertos seguem-nos*»!

Mas o homem tem uma arma ao seu dispor para desmentir aquela fatalidade — a sua inteligência! Hoje conhecemos os dados do problema, temos meios técnicos para o resolver em parte, minorando os malefícios causados e resconstituindo uma cobertura florestal que seja simultaneamente fonte de vida e fonte de recursos utilizáveis pela sociedade humana. Tomemos pois consciência desse facto, façamos nossa a Mensagem de Interlaken, aprovada no «Colóquio sobre as florestas e a madeira: sua influência no ambiente», que se realizou em Interlaken, Suíça, de 22 a 26 de Setembro de 1975, por iniciativa da FAO e da Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas, publicada no Anexo ao Boletim da Comissão Nacional do Ambiente, Ano II, n.º 3, de Março de 1976.

*José de Almeida Fernandes*

# A divisa

Quantos de entre nós, actuando há anos no Movimento Escotista, se demoraram um só momento a discernir sobre o significado da divisa «*Sempre Pronto*»? Quem ponderou na concretização do seu conteúdo? Já alguém reflectiu nas profundas alterações resultantes na personalidade do escoteiro que integral e continuamente a pratique? Certamente poucos o terão feito.

E, contudo, aquelas duas palavras não se limitam, na sua singeleza, a preencher simples fórmula verbal num cerimonial de juramento sempre recordado saudosamente. Antes engloba, além de outros valiosos predicados, aprazível obediência a tal vastidão de preceitos educativos que jamais pode deixar de influenciar profundamente a personalidade do persistente praticante. Bastará, ao ser solicitado no bom sentido pelo seu «ego», seguir, sem vacilar, o impulso gerador da força de vontade enérgica, indomável, criadora da correcta acção pretendida.

Se o escoteiro sente insistentemente necessidade de se deslocar pelos próprios meios, correr, nadar, etc., e, na medida do possível, logo o faz; se nas horas de ócio, lhe despertar o desejo de apreciar arte, visitando exposições de pintura, mobiliário, joalharia, etc. e se precipita a satisfazê-lo; se ao distinguir o bem do mal, repudia este e perfilha aquele, actuou de acordo com sua divisa, porque esteve sempre pronto a realizar a acção pretendida.

Actuando minuto a minuto, dia a dia, pela vida fora do modo descrito, dominará a própria existência, porque aprenderá a saber querer. De constituição débil, será forte porque o anseia; de ignorante, tornar-se-á culto porque amou o estudo; de desonesto, a repetição contínua de actos meritórios, transformá-lo-á íntegro, visto o pretender.

Após período prolongado na conduta referida, o exame retrospectivo demonstrar-lhe-á ter-se valorizado de modo exuberante.

Porém, a valorização da personalidade não resulta dos bens adquiridos, sejam materiais, culturais, físicos ou morais, mas da interdependência de todos eles, orientados no esforço comum, na capacidade de produzir algo. Isto é — o homem vale não que sabe, mas o que seja capaz de realizar.

Em síntese: estar sempre pronto significa poderoso meio de formação das faculdades físicas, culturais, psíquicas e morais do escoteiro pelo desenvolvimento progressivo da força de vontade.

Mas só consegue possuí-la, realizando-se plenamente no desenvolvimento das aptidões pessoais, aquele que, orientado por sãos princípios, tente energicamente libertar-se do gozo de comodidades depauperantes, opor-se à lassidão dos costumes, combater a ausência de vontade e, principalmente, lutar contra a preguiça; tudo atitudes nefastas, inibitórias da acção — o mais poderoso factor vital no homem.

Impõe-se pois condenar vigorosamente a totalidade das manifestações conducentes ao imobilismo, origem inegável de inúmeras doenças.

É fora de dúvida que no ser vivo, racional ou irracional, só o movimento traduz vida, tanto mais intensa quanto superior no seu dinamismo. Nenhum dos elementos seus componentes, por ínfimo ou vultoso, célula ou órgão específico, jamais deixará de se movimentar, quer se considere em estado de vigília, repouso ou mesmo letárgico, embora neste só ligeiramente reaja aos estímulos.

O escoteiro que preze a saúde e deseje mantê-la, inicia as suas actividades diárias por práticas higiénicas, das quais, pelos seus efeitos benéficos na totalidade das suas funções orgânicas, distinguimos a marcha, os desportos e a natação.

Se o fizer persistentemente, obterá de entre outras formas de desenvolvimento físico importantes, equilíbrio estável orgânico, capacidade vital ampla, energia motriz e nervosa normal, resistência ao esforço, reflexos imediatos na acção, postura corporal correcta, alegria de viver e, o que a todas sobreleva, aptidão plena para estar sempre pronto.

Lisboa, 5 de Maio de 1977.

*Aníbal G. Ramos*

(Licenciado em Educação Física)

## Amigos em toda a parte...

Fernando de Sousa Rocha
Rua Juca Trindade, 73 — Bairro Cabral
Teresina — PIAUÍ
64000 CEP Brasil

Este nosso amigo é um escoteiro do Grupo de Escoteiros Anfrísio Lobão. Tem 15 anos de idade. Vai tirar agora as provas de 1.ª classe.

Pretende trocar correspondência com escoteiros portugueses para a permuta de informações, selos, moedas, lenços de escoteiros, anilhas de lenço, flores-de-lis, etc.

Quem é que irá estabelecer mais esta amizade?




## O Grupo N.º 4 (AEP) em acção

O Grupo n.º 4 comemorou, nos dias 20, 21 e 22 de Maio, o 40.º Aniversário, com um aliciante programa. Deste constaram diversas actividades, das quais salientamos, no dia 21, a visita de familiares e amigos à sede do Grupo, durante a qual o presidente se referiu à efeméride. O Grupo deslocou-se, então, para o campo, desfilando pelas artérias locais.

No acampamento, realizaram-se as habituais actividades escotistas, sempre do agrado dos rapazes. À noite, no fogo do conselho, o secretário do Grupo tomou a palavra, frisando a importância e o significado dos artigos da Lei e do Compromisso do Escoteiro.

As comemorações prosseguiram no dia 22, com serviço religioso de manhã. À tarde, realizaram-se provas desportivas, nas quais a classificação foi a seguinte:

*Colectiva* — Bando Preto

*Individual* — Corta Mato:

1.º — Fernando Coimbra;

2.º — Albino Lopes;

3.º — Mário Jorge Figueiredo.

Ciclo-«Cross»:

1.º — Jorge Valdemar;

2.º — Ramiro Silva;

3.º — Abel Rebelo Cruz.

Regressou, à tarde, à sede, dando, assim, por terminadas as comemorações do aniversário.




## Álvaro Castanheira Pereira

Com a idade de 30 anos, faleceu o nosso companheiro sr. Álvaro Castanheira Pereira, antigo escoteiro do Grupo 9, de Lisboa.

À família enlutada e aos nossos companheiros do Grupo 9, *Sempre Pronto* endereça condolências muito sentidas.

# PÁGINA DO ESCOTEIRO



## Para ti, irmão escoteiro

## OBSERVAR



*A leitura das descrições que B.-P. faz sobre o tempo em que viveu nas florestas africanas são deveras sugestivas, atraentes e instrutivas. O Fundador não se limitava a passar tranquilamente os dias a dormir regaladamente à sombra das árvores, a passear e a preparar os alimentos. Muito pelo contrário, B.-P. era um observador nato, visto que não permitia que algo que fosse de interesse lhe escapasse ao atento exame. Disso nos dão provas as crónicas e relatos de aventuras de que os seus livros estão recheados.*

*O campo é um manancial de curiosidades que merecem estudo cuidado. Se, durante um acampamento te alheares dos curiosos aspectos da vida silvestre, da contemplação das belezas naturais, terás perdido magnífico espectáculo e empolgante distracção.*

*Observar é descobrir. As pessoas estão perdendo, a pouco e pouco, a faculdade de olhar atentamente o mundo que as rodeia. Como afirma o cientista Albert Szent-Györgye, nós só vimos aquilo que queremos ver e a verdade é que normalmente não queremos. Passamos distraídas e assim perdemos oportunidade de enriquecer a experiência.*

*Ora, o escoteiro é um homem que quer. Ser escoteiro é uma afirmação de vontade. Há que reaprender a usar as faculdades que possuímos, porque isso é uma forma de nos reafirmarmos. Felizmente que na tua vida de escoteiro tens exercitado a capacidade de observação através dos jogos do Kim e doutros, exercícios que valem como uma afirmação da vontade de alcançarmos uma vida mais fecunda, completa, rica e proveitosa, como tem de ser a vida do escoteiro.*

*Vamos continuar a aprender a observar os animais, as plantas, as rochas e outras mil coisas que a vida no campo oferece? Se assim fizermos, as actividades de campo tornar-se-ão cada vez mais cheias de vida e de interesse e acabarão por criar o verdadeiro entusiasmo escotista. Não será este, um programa tentador?*

*Uma «canhota» do*

Pinguim do Meio-Dia

# O CANTINHO DO ESCOTEIRO

## FALANDO COM OS G.-P.

### O Caderno da Patrulha

A boa organização deve imperar nos registos e arquivos da Patrulha. Para isso, é costume guardarem-se os principais elementos da vida e dos trabalhos da Patrulha num arquivo apropriado que se denomina «Caderno da Patrulha» (*).

Sobre o que deve ser esse tal «Caderno da Patrulha» e como organizá-lo, fez o «SEMPRE PRONTO» numa larga descrição, há anos, em vários dos seus números. Será conveniente que todos os G.-P. e os Secretários das Patrulhas, façam uma leitura desses artigos.

É uma das grandes funções do G.-P. trabalhar para que esse «Caderno da Patrulha» seja uma realidade, fazendo com que a sua confecção se realize com a colaboração do maior número de Escoteiros da sua Patrulha, de acordo com os cargos que nela desempenham e habilidades que possuem.

Um «Caderno de Patrulha» bem organizado e executado com gosto, pode ser sinal de um bom trabalho na Patrulha e de um bom Espírito de Patrulha.

Indica-se, resumidamente, a seguir, o que deve fazer parte desse «Caderno»:

— Uma lista com os nomes e moradas dos componentes da Patrulha;

— Uma secção do Guia, com as suas notas pessoais e mapas das presenças às reuniões da Patrulha ou quaisquer outras actividades;

— Notas resumidas sobre os trabalhos feitos ou assuntos tratados nas reuniões da Patrulha (trabalho do Secretário da Patrulha);

— Arquivo de alguma correspondência (Sec. da Pat.);

— Arquivo dos relatos dos passeios, acampamentos, excursões, visitas de estudo, boas acções colectivas da Patrulha, etc. (com fotografias e desenhos) feitos por um Escoteiro de cada vez sob designação do G.-P. em cada uma das actividades;

— Registo do material distribuído à Patrulha e do seu estado de conservação (trabalho do Guarda de Material da Patrulha);

— Registo dos livros existentes na Patrulha (trabalho do Arquivista);

— Registo das quotizações, ou outras receitas financeiras da Patrulha, bem como das despesas (trabalho do Tesoureiro da Patrulha);

— Arquivo de opiniões sobre os trabalhos da Patrulha;

— Registo ou arquivo de quaisquer outros elementos que sejam julgados de interesse.

Cada uma das secções anteriores deve ser separada das outras por uma folha de cartolina com um desenho que se relacione com o assunto a que se refere essa secção.

A própria capa do «Caderno» pode ser decorada com motivos relacionados com a Patrulha. Isso pode dar origem a belos trabalhos de desenho e pintura decorativa.

### Exortação aos G.-P:

Está nas vossas mãos a organização de CADERNOS DE PATRULHA que façam honra às tradições da Patrulha a que pertenceis.

Mostrai o que valeis! Mãos à obra e com entusiasmo!

*Leão da Selva*

(*) Os elementos que seguem foram respigados das notas elaboradas em 18-3-66, com vista ao concurso interpatrulhas da A. E. P., designado «Patrulhas-Piloto 66» mas que podem e devem ser seguidas por todas as Patrulhas, mesmo fora da realização de concursos.

## Campanha para novas assinaturas

*A Campanha para novas assinaturas que «Sempre Pronto» acaba de lançar na tentativa de conseguir compensação para as assinaturas perdidas em África, começou com interessante êxito. Tivemos assim oportunidade de registar as seguintes novas inscrições:*

*Assinantes Patrocinadores, os senhores:*

*Armando Viçoso, D. Dóris Teles Pereira, D. Ana Dulce Leal Lopes, Carlos Alberto Lônet, Augusto Horácio Neto.*

*Outros assinantes, os senhores Mário Ferreira Neves, António José Lima Saragoça, Carlos Manuel de Vasconcelos, Luís Cardoso e Sousa, Agostinho José Gonçalves, Fernando Pereira da Silva, Jaime dos Santos Teixeira, Dr. Rui Silva, João Carlos Catarino, Duarte Manuel Caetano, Vítor Montóia Lopes, Carlos José Trigo, Rui Sameiro Correia, Luís Manuel Pizarro e D. Maria José Távora. Portanto, 20 novas assinaturas. Estamos certos de que esta campanha tão auspiciosamente iniciada irá prosseguir no mesmo ritmo, para o que esperamos a melhor colaboração dos muitos amigos de «Sempre Pronto».*

*Justo será fazer aqui registo da colaboração prestada pelo E. C. Carlos Lapa Conde, do Grupo de Escoteiros de Portugal da Amadora, que propôs nove assinantes. Se em cada Grupo, como esperamos, se realizar igual campanha, conseguiremos atingir o nosso alvo.*




## Carimbos Comemorativos do Dia do Escoteiro

Conforme *Sempre Pronto* noticiou, no dia 23 de Abril findo foram apostos carimbos comemorativos do Dia do Escoteiro na correspondência que foi apresentada nos postos que funcionaram nas sedes do Grupo 79 da AEP, em Lisboa, da Junta Regional do CNE, no Porto, e do Grupo 52 da AEP, em Angra do Heroísmo.

O Organizador Nacional do JOTA (Rua 1, à Rua Bastos Nunes, 2-1.º, Queluz, telefone 952118) fornecerá estes sobrescritos a quem os solicitar.

Estes três carimbos fazem parte da série denominada «Lei do Escoteiro». Apresentam belos desenhos alusivos aos artigos 6.º, 8.º e 10.º da Lei, cuja qualidade mereceu franco elogio da revista *Franquia*, no seu número de Maio último.

## I Mostra Filatélica do Tema «Poupança»

Organizada pela Caixa Geral de Depósitos, vai realizar-se de 31 de Outubro, Dia Mundial da Poupança, a 11 de Novembro pp. ff., nas suas instalações da Rua do Ouro, 49, em Lisboa, a I Mostra Filatélica do Tema «POUPANÇA», em que apenas serão aceitas participações que digam respeito a este tema.

No Serviço da Relação Públicas da C. G. D., na Rua do Marechal Saldanha, 5-2.º direito, Lisboa-2, prestam-se todos os esclarecimentos referentes a esta iniciativa.

## O Escotismo em Carcavelos

### Grupo n.º 12 — AEP

O Grupo n.º 12 realizou mais uma vez, no passado dia 20 de Março, uma visita às grutas de Leceia, no concelho de Oeiras. Por caminhos diferentes, as Patrulhas Falcão, Castor e Morcego convergiram para Porto Salvo, onde se encontraram com os Caminheiros, almoçando no local.

Também no passado dia 8 de Maio, este Grupo efectuou uma excursão de autocarro a Vila Viçosa. Tudo decorreu da melhor forma e a alegria entre escoteiros e familiares foi constante. De salientar a entrada, gentilmente cedida, no Palácio Ducal.

No passado dia 9 de Maio, visitaram o local onde está prevista a construção da nossa sede, o presidente da Câmara Municipal de Cascais, e o tesoureiro da Junta de Freguesia de Carcavelos, a fim de estudarem, ali as obras de terraplanagem para a construção do parque infantil, que inclui também a nossa sede. Com esta visita, renascem em nós as esperanças de continuarmos na pista da nossa sede.

O Grupo continua a tomar parte na actividade «Brownsea 77», que se está a levar a efeito no Parque Nacional de Escotismo da Caparica, onde temos duas patrulhas inscritas: a «Falcão» e «Castor». Os participantes têm demonstrado grande interesse.

O nosso Grupo está promovendo o «Concurso de A Maior Distância», a fim de que os rapazes conheçam o maior número de localidades, nos concelhos de Cascais, Sintra e Oeiras.

## SERVIÇOS CENTRAIS

### Secretário das Relações Internacionais

Impossibilitado por deveres de ordem profissional, foi exonerado destas funções o Eng.º José Joaquim de Aquino, o qual já foi substituído pelo Capitão-tenente António Luciano de Sá Homem de Gouveia.

### Direcção e Serviços Centrais

À Direcção actualmente em exercício nos Serviços Centrais foram agregados, para prestarem serviço na Secretaria, na medida das suas possibilidades, os seguintes elementos:

Fernando de Almeida Figueiredo;
Manuel José Coelho Estevéns;
Rui Manuel de Almeida.

### Comissão de Normalização de Relações

Esta comissão, prevista nas cláusulas n.ºs 12 e 14 do Regulamento Geral, passa a ter a seguinte constituição:

Almirante António Tengarrinha Pires;
Dr. Eugénio Henrique Ramos;
Humberto Martins.

Estes dois últimos elementos faziam parte do Tribunal de Honra que, no Boletim Oficial n.º 2/77, agora publicado, é dado como extinto.

### Comissão Consultiva

Também esta comissão, a que se refere a cláusula n.º 12 do Regulamento Geral, fica assim integrada:

Almirante António Tengarrinha Pires;
Comodoro Domingos Diogo Afonso;
Eng.º Manuel Lopes Peixoto.

### Novos Grupos de Escoteiros

Foram filiadas mais as seguintes unidades:

Grupo 29 (de Camilo Castelo Branco) — Nomães, Ruivães, Vila Nova de Famalicão;

Grupo 70 — Praça do Coronel Pacheco, 23, Porto.

## «SEMPRE PRONTO»

## Pagamento de assinaturas

Os nossos estimados assinantes continuam a prestar-nos valiosa colaboração remetendo-nos o valor de suas assinaturas. Registámos mais os seguintes pagamentos, que muito agradecemos:

| | |
|---|---|
| Sr. Augusto Garcia Monteiro | 100$00 |
| Sr. Pastor Manuel P. Cardoso | 100$00 |
| Sr. Manuel P. Sá Viana ... | 100$00 |
| Sr. Dr. Rui Silva ... ... ... | 75$00 |
| Sr. Augusto Aleixo ... ... | 60$00 |
| Sr. Miguel da Silva Martins | 60$00 |
| Sr.ª Dr.ª D. Stephanie Lion ... | 300$00 |
| Sr. António da Enc. Amêndoa | 100$00 |
| Sr. Carlos Carvalho ... ... | 60$00 |
| Sr. Manuel Dias dos Santos | 100$00 |
| Sr. João da Cruz Fernandes | 100$00 |
| Sr. Jacinto dos Reis M. Silva | 200$00 |

# OS OUTROS

Continuação na pág. 1

nho, mas até do nosso semelhante, viva ele nas mais remotas regiões. Tal como dizia Unamuno, «*uma pessoa isolada. deixa de o ser*», um indivíduo solitário está irremediavelmente perdido. Os problemas pessoais vão-se transformando, cada vez mais, em grandes problemas sociais. Um pouco de renúncia a nós próprios é um dos bons serviços com que nos podemos presentear.

A Oração Dominical ensina-nos a pedir o perdão das nossas dívidas na medida em que *perdoamos aos nossos devedores*. Quer dizer, só quando nos sublimamos do clima de perdão ficamos aptos a usufruir do privilégio da remição das nossas faltas. O perdão do próximo não é propriamente o preço do nosso indulto, mas, sim, a oportunidade de o alcançar.

Dizem que caminhamos para uma sociedade dita socialista. Se assim acontece, não se concebe um projecto de tal monta e natureza se continuarmos voltados para nós mesmos, se individualmente porfiarmos na satisfação avara dos nossos desejos, de ambições mesquinhas, de verdadeiros caprichos, como se fôssemos o centro do Universo, à revelia dos direitos alheios e ao arrepio dos interesses colectivos. Tem de ser tomado um compromisso comum do qual ninguém pode sair defraudado, isto se quisermos de facto atingir os objectivos a que nos propomos.

A segurança dos outros é a minha própria segurança. Apenas Noé e os seus familiares, diz-nos a Bíblia, foram furtados ao Dilúvio, mercê de aquele ser homem bom e justo. Não nos iludamos, porém. Dizem os sábios que, se novo cataclismo desabar sobre este pobre planeta, justos ou injustos, ninguém escapará. Ou em conjunto alcançamos evitar o naufrágio da barca em que seguimos, ou, então, todos pereceremos.

Estas evidências fazem talvez crer que se chegou ao momento em que cada qual vai tomar consciência de que a salvação do próximo tem muito que ver com a sua própria salvação. Infelizmente, a prática mercantilista que habitualmente preside às relações humanas levará a que esta evolução não vá ser ditada pela voluntária adopção de um comportamento alicerçado em valores humanos de teor altruísta. Farei isto, não por causa dos outros, mas porque isso é o meu interesse. Por este motivo, é possível que, ao soar da hora em que a fraternidade e a solidariedade se instalem, finalmente, de modo decisivo na Terra, tal não se fique a dever à observância de preceitos inspirados pela abnegação ou por piedosos instintos, mas, sim, ao perfilhamento de uma regra utilitária de comportamento social, baseada nas próprias conveniências. Perder-se-á em valores humanos? Embora! Ao menos ganhar-se-á em entendimento. O senso humano evitará assim prejuízo maior.

# «SEMPRE PRONTO»

## *Novo preço de assinaturas*

*As despesas de publicação do nosso jornal agravam-se constantemente e porque desejamos manter a sua independência financeira, forçoso é que o preço da assinatura tenha de acompanhar o agravamento da despesa.*

*Assim, e a partir de agora, o assinatura anual de «Sempre Pronto» passará a Esc. — 75$00. A assinatura de Patrocinador, absolutamente voluntária e que felizmente já é praticada por muitos dos nossos dedicados Leitores, será de um mínimo de Esc. — 100$00 anual.*

*Para o estrangeiro, excluindo Brasil, Angola, Moçambique e Espanha, o preço é de Esc. — 12 $00 (ou U. S. $3,00, £ 2,00).*

*O preço de venda avulsa é de Esc. — 7$50, mas, para os Grupos de Escoteiros, que adquirem diversos exemplares, é praticado o preço de Esc. — 6$00.*

# Os Antigos Escoteiros

## promovem uma homenagem ao Chefe José Rodrigues

Continuação na pág. 1

Rainha, depois de passar por S. Salvador, donde o chefe Rodrigues seguirá também para a cidade da Rainha D. Leonor.

No Parque de Ramalho Ortigão, nas Caldas, realizar-se-á o almoço (piquenique), sendo então efectuada a cerimónia de homenagem ao dedicado dirigente escotista, por quem os escoteiros continuam a nutrir a maior veneração.

Estarão presentes, além de escoteiros do Grupo 7, escutas (CNE) e delegações de escoteiros alemães e doutros países, que ali se deslocam, a convite, para tomar parte nas Festas da Cidade, que também se realizam naquele dia e que, decerto, muito hão-de valorizar o programa desta actividade dos antigos escoteiros.

Todos os amigos do Escotismo são convidados a deslocarem-se naquele dia às Caldas da Rainha, a fim de tomarem parte nesta iniciativa da Fraternal e de confraternizarem num ambiente verdadeiramente escotista.

*N. da R. — Nos n.os 309 e 310 de* Sempre Pronto, *respectivamente de Janeiro e Fevereiro de 1971, foi publicada extensa entrevista com o Chefe José Rodrigues na qual se rememora a intensa actividade deste dirigente quando chefiou o Grupo 7.*

# ASSINANTES NO ESTRANGEIRO

*«Sempre Pronto» tem alguns assinantes em Espanha, Brasil e outros países. Temos remetido o jornal sem grande preocupação pela cobrança das assinaturas, já que é sempre um prazer reforçar laços de amizade com amigos de longe. Acontece, porém, que as despesas de correio se agravaram e, portanto, torna-se dispendiosa esta oferta do jornal.*

*Convidamos, por isso, estes nossos amigos do estrangeiro a fazer o pagamento das assinaturas pelo meio que lhes for mais vantajoso, a fim de nos ajudarem na manutenção deste órgão.*



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

# Jogo nocturno do Grupo 6, de Olhão

Em 26 de Março *(1957)*, realizou-se um exercício nocturno, denominado *Marcha Silenciosa para o Desconhecido*. As patrulhas saíram da sede de meia em meia hora, seguindo um «mapa» que tiveram de gravar na memória, pois era rigorosamente proibido acender luzes durante o caminho, em busca do Chefe que se encontrava acampado em determinado sítio marcado no mesmo mapa. O percurso devia de ser feito no meio do maior silêncio. Por isso, vários observadores se encontravam dissimulados ao longo dele, verificando o cumprimento daquelas duas condições. Assim, as patrulhas, movimentando-se às escuras e em silêncio, tiveram de percorrer diversos caminhos e de atravessar duas matas, orientando-se pelas estrelas.

A patrulha que melhor pontuação teve foi a *Andorinha*.

# O XX JAMBORI NO AR

## *Os preparativos continuam*

A Organização Nacional está fazendo chegar a todas as unidades escotistas e guidistas directivas sobre o próximo JOTA.

De facto, para que uma iniciativa deste género, em que estão envolvidas centenas de pessoas (ou mesmo milhares), é necessário uma organização capaz e uma grande disciplina da parte de todos os participantes, a fim de que os resultados não sejam afectados por desencontros na actuação de cada uma das unidades. É de esperar que todos correspondam a estes intuitos, para que os objectivos sejam realmente alcançados.

### Os serviços radioeléctricos autorizam esta actividade

Mais uma vez, os CTT autorizam a colaboração das estações emissoras de amadores no Jambori do Ar, desde que a estação seja operada por amador encartado e os assuntos abordados não se afastem dos que são autorizados a estes emissores.

Quanto à utilização de indicativos especiais, não há neste ano qualquer restrição. No entanto, os serviços oficiais chamam a atenção para a necessidade de, no próximo ano, ser encurtada a lista destes indicativos.

A Organização Nacional solicita aos interessados que, até ao dia 15 de Agosto p. f., a informem dos indicativos que pretendem utilizar.

### Relação dos contactos

A Organização Nacional já distribuiu as normas e o modelo a usar para o registo dos contactos. A observância do que se estabeleceu nessas normas é essencial para uma padronização, muito necessária, da actuação dos grupos, o que facilitará muito os trabalhos da O. N. e contribuirá decisivamente para a eficiência deste empreendimento.

### Os concursos do JOTA-76

Foram finalmente publicadas as classificações dos concursos do XIX JOTA, as quais são as seguintes:

*O melhor relatório do JOTA-76*

1.º — Agrupamento 107 (CNE), de Ponta Delgada;

2.º — Agrupamento 119 (CNE), de Coruche;

3.º — Agrupamento 143 (CNE), do Porto;

4.º — Agrupamento 44 (CNE), de Tomar;

5.º — Grupo 24 (AEP), do Funchal;

6.º — Agrupamento 290 (CNE), de Loulé.

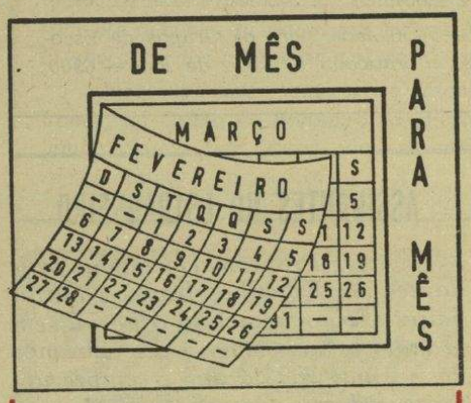
*A melhor fotografia do JOTA-76*

1.º — Agrupamento 119 (CNE), de Coruche;

22.º — Agrupamento 107 (CNE), de Ponta Delgada;

3.ºs — Brigada D. Fuas Roupinho (CNE), e Grupo 4 (AEP), ambos do Porto.

O júri foi constituído por representantes da Direcção da AEP, da Junta Central do CNE, do jornal *Sempre Pronto*, da revista *Flor de Lis* e da Organização Nacional do JOTA. Vão ser enviadas aos premiados recordações e livros escotistas portugueses e estrangeiros.




## AUSÊNCIA TRISTE



**No princípio deste mês, celebraram-se o Dia Mundial da Criança e o Dia Mundial do Ambiente, duas comemorações particularmente felizes, de que o Escotismo se encontra em posição privilegiada para fazer a síntese. De facto, o Escotismo interessa-se pela educação da Criança, mas procura realizar este objectivo colocando-a em contacto com o Ambiente, com o Ar Livre.**

**Era portanto muito natural que o Escotismo tomasse uma parte muito activa nestas celebrações. Os Lobitos surgiriam no dia 1 de Junho em muitas cerimónias oficiais, fariam jogos, promoveriam desporto, fariam interessantes Boas Acções. No dia 5, os Escoteiros não só gozariam a Natureza, mas efectuariam trabalhos de saneamento, limpeza de parques e terrenos, num combate activo à poluição do Ambiente. O contrário disto seria a própria negação do Escotismo.**

**Pois foi exactamente isto o que aconteceu. Em qualquer das duas celebrações, os Escoteiros primaram pela ausência, pelo menos não chegou até agora ao nosso conhecimento qualquer iniciativa de participação.**

**O Escotismo demite-se assim de Movimento e passa a ser uma organização estática, centro para alguns velhotes se encontrarem a recordar saudosamente aquilo que foi feito há muito tempo.**

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DA REDACÇÃO:
**A. C. Lapa Conde**
**Ernesto Clímaco do Nascimento**

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
**Capitolino Ferreira Macedo**
**Luís Garcia**

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00